

LITERATURA E CONTOS DE FADAS EM UM PROJETO DE EXTENSÃO

Cristiane Manzan Perine¹
Marisa Martins Gama Khalil²

RESUMO: O presente texto relata a experiência vivida em um projeto constituído sobre a tríade ensino, pesquisa e extensão. Descrevemos, a seguir, um projeto voltado para a área de literatura, o qual se apoiou no objetivo principal de montar um projeto de extensão que pudesse proporcionar aos alunos de uma escola pública da cidade de Uberlândia-MG um novo encontro com a literatura. Tal projeto foi tecido por um grupo de professores em formação e alunos do curso de Letras, orientados por um professor experiente. Após pesquisa e reflexões teóricas em sala de aula para delimitação de um tema, os professores estagiários resolveram abordar a temática dos contos de fadas. Sob a forma de oficinas, participaram deste trabalho alunos do 6º ano inscritos em um projeto social, que visa preencher o tempo dos alunos com a oportunidade de participação em atividades na escola em horários extraclasse. Além de se tratar de uma experiência única para os professores em formação participantes, esta se revelou, ainda, como um meio de incentivar a leitura. Os jovens se mostraram motivados a ter mais tempo dedicado à literatura e conseguiram adquirir uma visão mais ampla desta, que vai muito além daquela fixada nos livros didáticos.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Oficina. Professor em formação.

Literature and fairy tales in an extension project

ABSTRACT: The current text reports an experience lived in a project constituted upon the basis teaching, researching and extension. We describe in the sequence a project connected to the area of literature which relied upon the objective to form an extension project that could provide the students from a public school of the city a new encounter with literature. This project was created by a group of undergraduate teachers, students from the Letters course, guided by an experienced teacher. After the research and theoretical reflections in the classroom to delimitate the theme, the undergraduate teachers decided to approach the subject of fairy tales. Through workshops, took part in this project teenagers of the sixth year who were participants of a social project, which aims at filling the students' time with an opportunity to take part in activities in the school in out of class time. Besides being a unique experience for the undergraduate teachers, it turned out to be a way to encourage reading. The teenagers were motivated to have more time dedicated to literature and could acquire a larger view of literature, which goes beyond the one fixed by the course books.

KEYWORDS: Literature. Workshop. Pre-service teacher.

¹ Acadêmica do curso de Letras da Universidade Federal de Uberlândia (cristiane_manzan@hotmail.com).

² Doutora em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, professora no Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, orientadora do trabalho desenvolvido durante a disciplina "Prática de Ensino de Literatura" (mmgama@gmail.com).

INTRODUÇÃO

Tendo em mente nossa convicção na possibilidade de pensar e repensar o contato dos jovens com a literatura, o ensaio se propõe a analisar e refletir sobre uma proposta de leitura dos contos de fada em um projeto de extensão. Nesse sentido, configura-se como apresentação de um projeto de extensão, o qual reúne um caráter teórico e prático. O projeto, denominado “Deu a louca nos contos de fadas”, serviu de espaço de experiência para futuros professores, alunos estagiários, muitos deles prestes a adentrarem a sala de aula pela primeira vez e, ao mesmo tempo, foi importante para os alunos de escola pública participantes do projeto, uma vez que foi um espaço de encontros, troca de experiências e aprendizagem.

O principal tema abordado foram as narrativas curtas e populares, conhecidas como contos de fadas. Estes nasceram entre os celtas por volta de 1600 a.C, surgindo da imaginação coletiva e contados oralmente. Muito tempo depois, começaram a ser escritos e chegaram até nós, por meio, principalmente de Perrault, na França, dos Irmãos Grimm, na Alemanha, e de outros autores. Hoje, são vistos em filmes, desenhos animados e, até mesmo, em histórias em quadrinhos.

Em sala de aula, os contos de fadas são usados já nos primeiros anos da alfabetização, como forma de incentivar o gosto pela leitura. A finalidade primordial do projeto foi retomar o tema “conto de fadas” com o público adolescente por meio de oficinas. Além disso, objetivou-se proporcionar espaço para professoras em formação, que tiveram chance de ter contato com a realidade de ensino e com um público bem diversificado, conciliando a produção do conhecimento que tiveram acesso na universidade e a intervenção da realidade, em conformidade com a proposta extensionista. Apresentamos, na sequência, a descrição detalhada da aplicação da oficina e trechos dos contos de fadas escritos pelos alunos, como proposto nas atividades.

Ressaltamos que a oficina a ser descrita faz parte de um projeto maior, intitulado “Oficinas de narrativa literária”, o qual abordou diversas temáticas ligadas a obras narrativas na literatura, abarcando a triádica que fundamenta a noção da universidade: ensino, pesquisa e extensão. Um grupo de alunos esteve envolvido neste projeto de extensão e, de forma individual ou em grupos, desenvolveram diferentes oficinas. Relatamos, neste ensaio, a oficina da qual participamos.

A escolha dos contos de fadas no projeto de extensão

A ousadia desta prática investigativa reside na enorme capacidade de encantar e entreter crianças, jovens e adultos apresentada pelos contos de fadas, que fazem parte do gosto popular. Tendo em vista que se constituem como uma narrativa de tom casual, as histórias são simples e fáceis de entender e, por isso, são envolventes. Somado a isto, são prazerosas, evocam emoções, medo, fascínio, apreensão, alegria, dentre tantos outros sentimentos. Somos convocados a compartilhar dos mesmos anseios dos personagens, talvez seja esse o motivo pelo qual despertam sutilmente nosso interesse e têm grande aceitação na sociedade. Como expõe Bettelheim (1980), os contos de fadas têm capacidade de falar, simultaneamente, a todos

os níveis da personalidade humana, pelo uso de uma linguagem muito simbólica, sem recorrer tanto ao pensamento lógico. Em outras palavras, são narrativas que não envelhecem e, como veremos adiante, ganham nova cara e novo corpo, renascendo a cada nova versão criada.

Uma de nossas preocupações foi, justamente, o espaço concedido à literatura na grade curricular das escolas públicas, o qual é muito restrito e, por vezes, insatisfatório. A aula de literatura aparece à sombra da aula de língua portuguesa. Em nossa vivência em sala de aula da rede pública, o que constatamos é que um belo texto literário é, muitas vezes, tomado apenas para remeter a algum item gramatical e fazer a ligação com a aula de português ou é tomado apenas para uma interpretação de texto superficial, ignorando que estamos falando do encontro de dois leitores, do autor e de seu leitor. “São dois mundos que se tocam” (SILVA, 2008) e, portanto, a leitura de um mesmo texto nunca será igual para dois leitores. E, nesse universo de encontros, percebemos nitidamente o que Larrosa (2000) outrora havia dito, que o texto convoca o leitor e lhe oferece hospitalidade. Há, então, um encontro da hospitalidade do livro e a disponibilidade do leitor, o que Larrosa (2000, p. 39) define como mútua entrega, “condição de um duplo devir”.

Da forma como vem sendo abordada a literatura nas escolas, os alunos têm um contato muito superficial com o que é literatura e isso acaba repercutindo em suas vidas e na aversão à leitura que boa parte deles apresenta. Percebe-se, amplamente, a presença da literatura em sala de aula exclusivamente como instrumento para ensinar algo e abordada apenas por uma função utilitarista. Não que a literatura não possa ter função didática. Ela ensina, e muito, por si própria. Porém, tomá-la com uma simples missão de ensinamento, de transmissão de valores, compromete a imaginação, o despertar das emoções e a criatividade dos leitores. Nada pode substituir o valor estético da obra literária, a expressão do belo, da arte. O valor estético é, por si só, valor educativo. Na colocação de Perroti (1986, p. 70), “pelo próprio instrumento de que se utiliza, a literatura é uma lição permanente de linguagem”. Nossa primeira tarefa foi, portanto, levar os alunos participantes do projeto a um novo encontro, cheio de descobertas com a literatura. Esse encontro se deu por meio dos contos de fadas. Compartilhamos com a visão de Silva (2008, p. 45), a qual afirma que:

Se o professor despertar a atenção do jovem leitor para a relação que existe entre o processo de construção do texto e seu significado, ele será capaz de apreciar mais intensamente as obra que ler e, mais do que isso, será capaz de prosseguir em seu percurso de leitor sozinho. Para que isso possa acontecer, porém, é preciso que o professor se assuma de fato como docente, ou seja, aquele que conduz. Conduzir não é cobrar, nem punir, nem intimidar. É andar junto. Um passo mais à frente, talvez, por já conhecer o caminho, mas permitindo ao grupo que lidera o prazer da descoberta de novas trilhas e novas paisagens.

Como citado, relatamos aqui um projeto de extensão universitária conciliado à literatura. Projetos de extensão proporcionam muito mais que a mera transmissão de conhecimentos, mas uma relação de troca, possibilitando, assim, a construção de novos conhecimentos. Nesse sentido, nas palavras de Silva (1997, p. 148), a extensão universitária se define como:

Uma forma de interação que deve existir entre a universidade e a comunidade na qual está inserida. É uma espécie de ponte permanente

entre a universidade e os diversos setores da sociedade. Funciona como uma via de duas mãos, em que a Universidade leva conhecimentos e/ou assistência à comunidade, e recebe dela influxos positivos como retroalimentação tais como suas reais necessidades, seus anseios, aspirações e também aprendendo com o saber dessas comunidades. Ocorre, na realidade uma troca de conhecimentos, em que a universidade também aprende com a própria comunidade.

Entendemos extensão universitária também como um processo educativo, de modo semelhante ao defendido no I Encontro Nacional de Pró-Reitores de Extensão (BRASIL, 2002), que define a extensão como um processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre universidade e sociedade.

Conciliar pesquisa, ensino e extensão, é uma forma de potencializar a produção e divulgação do conhecimento a que o estudante tem acesso nos bancos da universidade e torná-lo algo mais concreto, por meio do contato com a comunidade. Trata-se de uma forma de democratização do conhecimento, de abrir as portas da universidade para ir ao encontro da comunidade na qual está inserido. Corroboramos, então, como as ideias de Freire (2006, p. 36), quando afirma que “o conhecimento não se estende do que se julga sabedor até aqueles que se julga não saberem; o conhecimento se constitui nas relações homem-mundo, relações de transformação, e se aperfeiçoa na problematização crítica destas relações”.

Para Felizardo Jr. (2009), conciliar pesquisa, ensino e extensão, deve ser visto como algo desejável e, ao mesmo tempo, necessário, visto que ambos são essenciais para a construção do conhecimento. Para o referido autor, a prática questiona nossos pressupostos teóricos e a teoria questiona nossa prática, gerando um ensino compartilhado e mais comprometido com a realidade pesquisada, marcada, constantemente, por um processo de interação, construção, desconstrução e reconstrução, possibilitando assim, transformações.

Nessa mesma linha de pensamento, Vasquez (1968, p. 206) afirma que:

A teoria em si não transforma o mundo. Pode contribuir para sua transformação, mas para isso tem que sair de si mesma, e em primeiro lugar tem que ser assimilada pelos que vão ocasionar, com seus atos reais, efetivos, tal transformação.

A extensão universitária é considerada, então, meio de viabilizar troca de experiências, na qual o conhecimento acadêmico é visto com uma base mais sólida pelos universitários, ao ser aplicado à sociedade. Assim, por meio de projetos de extensão, abrem-se aos estudantes múltiplas possibilidades de socializar o conhecimento e de se tornarem agentes promotores, para que mais e mais pessoas tenham acesso a um conhecimento e dele possam se beneficiar de algum modo. Cabe, ainda, aos estudantes pensar e propor novas alternativas para que a comunidade possa se beneficiar do conhecimento produzido em conjunto com a universidade.

Em se tratando de um projeto de extensão relacionado à literatura, recorreremos à Araújo e Casimiro (2009), para justificar que

Por meio da extensão universitária se concretiza a possibilidade de interferência e mudança social na vida de um indivíduo que, quando aliada à leitura, exerce uma valiosa influência social. O hábito da leitura não nasce com o indivíduo. Para tal, é necessário, para formar leitores em uma comunidade, que sejam implementados projetos de extensão universitária. Tem-se conhecimento que a leitura além de amadurecer o pensamento do ser humano, deve ser usada como um instrumento de relaxamento e diversão, atuando também no aprimoramento da linguagem, da expressão e do vocabulário, mostrando-se enfim, fundamental para o desenvolvimento cultural de um povo (ARAÚJO; CASIMIRO, 2009, p. 1).

Nossa proposta, com a referida oficina, foi proporcionar aos jovens o “mergulho” nos contos de fadas, de forma que pudessem fazer associações pessoais e criar suas próprias visões sobre estas histórias. Além disso, a forma como foram abordados, aliados à produção cinematográfica, história em quadrinhos, série de TV e música, que são outros fatores que atraem muito os alunos, resultou em uma combinação muito atrativa. São formas diferentes de interagir com os alunos, fazê-los sentir, pensar e até viver aquela fantasia, seja qual for o lugar, o tempo ou a cultura ali representados.

O professor deve saber aproveitar o atraente, rico e variado mundo da fantasia, como uma inesgotável fonte de motivação didática e de uma grande importância pedagógica. Este trabalho foi desenvolvido a partir de fundamentação teórica e prática por parte do professor orientador e dos professores em formação em sala de aula. Por meio de oficinas como esta, o professor pode trabalhar a criatividade do aluno, a sensibilidade e os sentidos, dentre outros aspectos.

Recordando: o que são contos de fadas?

Traçamos, a seguir, uma breve definição do que são contos de fadas. Contos, definidos como gênero literário, são narrativas concisas e curtas em extensão. Um conto possui características estruturais próprias. O enredo, em geral, é simples, sem complicações. Além disso, tempo e espaço são bem delimitados. É uma narrativa curta e linear, a qual conta sempre com um narrador, um personagem principal e um incidente predominante, um clímax.

Um questionamento inicial que aparece quando remetemos aos contos de fadas é, justamente, o porquê de receberem este nome, uma vez que nem sempre há presença de fadas. As fadas podem ou não aparecer no enredo. A escolha das mesmas vem fazer alusão aos personagens que representam papel de mediadores, aqueles que aparecem na história inesperadamente, em momento de angústia, e ajudam o herói de alguma forma.

Involuntariamente, ao ouvir a expressão contos de fadas o que nos vem à mente, de imediato, são as conhecidas frases: “Era uma vez, num reino distante...”, que são como palavras mágicas que nos fazem adentrar num novo mundo, um mundo em que tudo é possível, e, após grandes dificuldades, o personagem principal quase sempre tem um final feliz, por isso a famosa frase final: “... e foram felizes para sempre”.

Dentre as características pertinentes aos contos de fadas, cabe ressaltar que há neles uma nítida distinção entre o bem e o mal, ou seja, alguns personagens são apresentados como bons e outros como maus. Estes últimos, no desenlace da trama, são punidos por suas atitudes, humilhados e podem até mesmo conhecer a morte. Faz-se justiça ao prevalecer a vitória do bem sobre o mal. Os mocinhos apresentam, sempre, a imagem de pessoas generosas, com bom coração, que sofrem e são injustiçadas por algum motivo, o qual o conto nos dará a conhecer, mas que, ao final, serão recompensados por seu sofrimento. Tal fronteira que separa o bem e o mal enfatiza fortemente a característica do personagem. Não há momentos de hesitação entre a bondade e a maldade, uma vez que as características do ser são bem definidas.

Os nomes dos personagens são populares, como é o exemplo do clássico “João e Maria”, mas também podem não ter nomes, o que facilita ainda mais nossa identificação com os personagens. É o que percebemos em “A Bela Adormecida”, “Chapeuzinho Vermelho”, “O Pequeno Polegar”, “A Gata Borralheira”, “O Gato de Botas”, dentre outros contos de fadas.

Embora tal constatação seja bastante explícita, o personagem principal, o herói, passará por diversas aventuras e dificuldades, em um processo de crescimento e superação para, ao final, ser recompensado com o tão esperado “final feliz”, que aparece ligado ao amor, à formação de um casal, e deixa no ar a ideia de uma história que pode ter continuidade, atizando a imaginação do leitor. A nosso ver, a concretização do final feliz é o fato que mais atrai a atenção das pessoas aos contos de fadas, já que isso cria a expectativa de que, apesar de das tribulações, pode-se superá-las e ser premiado com o final feliz. Conforem Robert:

Ele (o conto de fadas) descreve essencialmente uma passagem – passagem necessária, difícil, cheia de mil obstáculos, precedida de provocações aparentemente insuperáveis, mas que tem um final feliz apesar de tudo. Sob as fabulações mais inverossímeis, desponta sempre um fato bem real: a necessidade de o indivíduo passar de um estado a outro, de se formar através de metamorfoses dolorosas que só terminam com o seu acesso a uma verdadeira maturidade (ROBERT, 1987 apud SILVA, 2008, p. 81).

Pode-se dizer que os contos de fadas exercem, ainda nos dias de hoje, sedução em leitores de qualquer idade. Os chamados contos de fadas modernos são encontrados em livros, filmes, desenhos animados, poesias e até mesmo em novelas televisivas. Várias releituras dos clássicos contos de fadas têm sido criadas, desde as parafrásticas, nas quais há uma adaptação que segue as mesmas linhas do texto de origem, às parodísticas, nas quais há uma negação do texto original. As paródias, hoje, são o tipo de intertextualidade mais recorrente em relação à releitura dos contos de fadas. A impressão que temos é que com as paródias narrativas e, conseqüentemente, o surgimento de novas histórias, as narrativas tornam-se mais próximas de nossa realidade e cotidiano e, portanto, têm mais facilidade em prender nossa atenção.

O conceito de paródia nos remete a Bakhtin, pois é uma intertextualidade que produz um efeito cômico. À primeira vista, corremos o risco de agir com certo preconceito e ver obras parodiadas como cópia ou mesmo plágio, no entanto, trata-se apenas de um novo encontro estabelecido com o texto fonte.

Contexto de pesquisa e participantes

Precisamos analisar dois contextos de participantes. Temos, de um lado, alunas do curso de Letras, cursando a disciplina Prática de Ensino de Literatura, em uma universidade pública localizada do interior de Minas Gerais. Tal disciplina reúne carga teórica e prática. De acordo com a ementa, sua meta é oferecer um conhecimento de práticas reais educacionais relacionadas ao ensino e à prática de literatura, buscando-se instigar no acadêmico a construção dele como sujeito que tem domínio de sua própria prática e de seu papel social. Nesse âmbito, coloca-se relevo sobre o educador que tem como tarefa fundamental a formação de leitores críticos e criativos.

O projeto foi realizado em uma escola da rede estadual de ensino de Uberlândia, na qual funciona o PROETI (Projeto Escola de Tempo Integral)³. Tal projeto vigora na escola desde 2007 e visa ao reforço escolar e a um trabalho extracurricular com turmas do ensino fundamental (5º ao 9º ano). Pode participar do projeto qualquer aluno, mediante consentimento dos pais.

Os alunos cumprem o currículo básico à tarde (turno regular) e, pela manhã, participam do PROETI. O projeto busca um preenchimento do tempo dos alunos de forma produtiva, uma vez que eles passam todo o dia envolvidos com a escola. Sua matriz é voltada a proporcionar aulas de reforço, visto que os alunos têm tempo destinado a fazer os deveres de casa mediante acompanhamento, sendo-lhes oferecidas oficinas e atividades multidisciplinares diversas.

Para a realização do PROETI, a escola conta com quadras, salas de aula equipadas com recursos multimídia, auditório e área ao ar livre. Nossa intervenção foi realizada com estudantes do 6º ano, totalizando 40 alunos.

A concretização do projeto: “Deu a louca nos contos de fadas”

Para se entender a oficina, procedemos, a seguir, com uma detalhada descrição das atividades realizadas. Em um primeiro momento, começamos a dialogar com os alunos a respeito da visão que eles tinham a respeito dos contos de fadas. Abrimos a conversa com alguns questionamentos, tais como: “Quais são os contos de fadas que vocês conhecem? Quais são os personagens mais comuns? Através de que meios vocês tiveram contato com os contos de fadas? Vocês gostam de contos de fadas?”.

Na sequência, mostramos um trecho do filme “Shrek” como vídeo motivador para guiar a discussão e adentrar no tema dos contos de fadas modernos. No trecho escolhido, apareciam diversos personagens famosos, oriundos de narrativas infantis clássicas, participando de um concurso de música que parodiava o programa norte-americano “American Idol”, cantando músicas famosas.

Após assistirem ao trecho, foi pedido aos alunos que identificassem os personagens famosos ali presentes. Neste ponto, os estudantes participaram bastante, mostrando-se animados diante

³ O PROETI visa disponibilizar espaços e propostas socioeducativas que proporcionem o desenvolvimento integral e a interação da comunidade estudantil por meio da realização de experiências inovadoras, possibilitando a melhoria da qualidade de vida e a inclusão social. A proposta atende crianças e jovens, preferencialmente as que estão em situação de vulnerabilidade e risco social, bem como as que apresentem problemas de aprendizagem (SECRETARIA DO ESTADO DA EDUCAÇÃO DE MINAS GERAIS, 2009).

do “Shrek”, que nos pareceu ser um personagem que agradou a todos. Também ficaram muito agitados pela menção ao programa norte-americano, o qual tem uma versão brasileira muito vista.

Apartir das ilustrações dos alunos, fomos questionando sobre as histórias originais em que os personagens apareciam, incentivando-os a contar estas histórias. Neste momento, tivemos a oportunidade de fechar esta discussão inicial, expondo sobre o que são contos de fadas, suas características e estrutura, procurando responder às questões antes levantadas em uma breve exposição teórica.

O próximo passo foi uma tentativa de ouvir mais efetivamente os alunos, dar atenção ao que tinham a dizer e, ao mesmo tempo, proporcionar um espaço de interação entre eles e as professoras estagiárias. Guiamos, então, a discussão. Primeiro, eles tiveram que relembrar a história de “Os três porquinhos” para, em seguida, assistir a um vídeo em que esse conto de fadas aparece de forma breve e cantada, em uma primeira aproximação entre história e música. Os participantes cantaram espontaneamente e acompanharam com palmas a canção “Quem tem medo do lobo mau?”. Tal acontecimento nos surpreendeu, pelo fato de que se trata de uma canção de tom infantil e a própria história cantada dá um aspecto infantil a ela. No entanto, os alunos se mostraram atentos e pediram para que repetíssemos o vídeo, e assim o fizemos. Isso é próprio dos contos de fada: a capacidade de nos convidar a adentrar um reino infantil.

A história seguinte foi a de “João e o pé de feijão”. Após a discussão do enredo, os alunos assistiram a uma versão da história em que havia apenas ilustrações, lembrando o poder das imagens ao se contar uma história. O mesmo procedimento foi adotado com o conto “Alice no país das maravilhas”. Depois de discutida sua versão original, assistimos a um trecho de uma versão do filme que foi recorde de bilheteria recentemente. Pelos comentários feitos, a maioria dos alunos parecia ter visto o filme.

Após esta sessão de contar histórias, nos remetemos à “Branca de Neve e os Sete Anões” e pedimos que os alunos contassem essa história em detalhes. Dois alunos se ofereceram para ir à frente da turma relatar o conto aos colegas.

Por fim, os estudantes assistiram a um episódio de “Chaves”, seriado mexicano considerado fenômeno de audiência, com mais de quarenta anos de sucesso no Brasil. Como a série é antiga, conta com recursos de produção muito simples. O episódio trabalhado em sala inicia-se com o professor Girafales tentando começar a aula, mas sendo impedido pelos alunos, que querem que ele conte uma história. Ele afirma não saber contar nenhuma história. Então, aparece o super-herói Chapolin, que intimida o professor, dizendo que vai contar uma história: “E não me diga que você não gosta de contos de fadas!”.

Percebemos no episódio uma releitura cômica da obra “Branca de Neve e os Sete Anões”. Para exemplificar, na história, temos um espelho mágico que é ligado como se fosse uma TV, com direito a comerciais entre uma transmissão e outra, um rei que morre de pneumonia galopante, um caçador que pergunta qual pecado cometeu Branca de Neve, uma rainha que responde: “ser mais bonita que eu”, e o caçador que replica: “uuh, então vou passar a vida cortando pescoços de moças por aí, um atrás do outro”. Então, o caçador pergunta: Por acaso, a beleza é um pecado? A rainha diz: “Sim”! E ele responde: “Poxa, e eu que nem me confessei!” Ou ainda quando Branca de Neve pergunta a uma cigarra na floresta: “Como está seu marido?” e ouve dela: “Ele foi fumado!”.

Há vários trocadilhos que deixam a história divertida. Por ser um seriado famoso e popular, conseguiu prender a atenção dos alunos, que se divertiram muito, os quais, particularmente, também gostaram da canção que os sete anões sempre cantavam, chamada “Tchuin tchuin tchunclain” e cantaram diante do vídeo. Lembrando que este mesmo episódio de “Chaves” pode ser encontrado também na forma de livro, gibi e videogame. Ao final, debatemos sobre o que havia de diferente na história e o efeito de humor obtido.

No segundo dia de oficina, partimos para uma abordagem dos contos de fadas mais encontrados nos tempos modernos, visto que, no primeiro, concedemos bom espaço às versões antigas. Os alunos assistiram a um vídeo com os personagens de Maurício de Souza com “A turma da Mônica”, em que Magali fazia o papel de Chapeuzinho e, de repente, para e grita: “Chega! Já cansei! Por que todas as vezes tem que ser sempre igual? Já cansei!”. Neste ponto, pudemos abordar as mudanças nas narrativas tradicionais. A frase da personagem foi relevante para auxiliar a introdução do assunto. No trecho apresentado, Magali se cansa de ser Chapeuzinho e parte para Hollywood. Ela quer ser atriz profissional e interpretar outros papéis, ter novas falas, porque já se cansou de interpretar sempre a mesma história⁴. Os outros personagens, então, saem à procura de uma nova Chapeuzinho.

Interpelamos os alunos, perguntando-lhes se copiar a história de outra pessoa é certo ou se é um crime. Convictos, afirmaram que copiar uma história é um crime. Perguntamos, então, se a história que eles assistiram consistia em um erro, uma vez que recontava uma história já conhecida. Eles ficaram confusos. Até que um dos alunos disse: “Não pode copiar tudo igualzinho, mas se você mudar algumas coisas aí pode”. Introduzimos, então, os conceitos de paródia e intertextualidade.

Optamos por trabalhar com outras versões de “Chapeuzinho Vermelho”. Projetamos o texto no *data show* e convidamos dois alunos para ir à frente ler para os colegas o texto “Chapeuzinho Vermelho de Raiva”, de Mário Prata. Discutimos, com os alunos, esta versão. Neste texto, conhecemos uma personagem mais moderna e, até mesmo, rebelde em um diálogo com a avó, no qual se destacam as divergências de ideias, típicas de uma conversa entre uma jovem na atualidade e uma senhora idosa.

Os alunos também assistiram a um vídeo de “Fita verde no cabelo”, escrita por João Guimarães Rosa, e montada sob o modelo do jogo “The Sims”, como se a história se passasse dentro do jogo. A familiaridade com o jogo despertou a atenção dos alunos que, no entanto, ficaram surpresos e assustados com o final da história, visto que, nela, não há o paradigma do final feliz e a neta presencia a morte da avó. Foi curioso perceber, nos alunos, a expressão de tristeza pela morte da personagem. A falta do final feliz causou-lhes um estranhamento.

Na sequência, os alunos foram convidados a ler “Chapeuzinho Azul”, uma versão em que o personagem principal é um menino que vai visitar seu avô. Curiosamente, o texto foi escrito por um aluno de 6º ano de uma escola estadual, o que nos serviu de propósito para desafiar os alunos a escreverem um texto, criando uma nova versão de chapeuzinho. Dentre os vários alunos que se ofereceram para ir à frente da sala e ler suas histórias aos colegas, escolhemos três. Como encerramento da oficina, os alunos assistiram ao clipe da música “João e Maria”, de Chico Buarque, e ouviram a música tema do clássico “A Bela

⁴ Asserção semelhante faz Monteiro Lobato: “Tenho notado que muitos dos personagens das minhas histórias já andam aborrecidos de viver toda a vida presos dentro delas. Querem novidade. Falam de correr o mundo a fim de se meterem em novas aventuras” (LOBATO, 1993, p.11).

e a Fera”. Nesse momento, muitos deles deixaram de lado as cadeiras e foram se sentar no chão, mais próximos do telão. Encerramos a atividade com um clima bem descontraído.

Alunos e autores

Os alunos esbanjaram criatividade em seus textos. Deram continuidade à tradição ao iniciar as histórias com o “Era uma vez...”, pois, perceptivelmente, 99% dos alunos utilizaram esta fórmula para adentrar aos contos de fadas e, a partir daí, propuseram novos desenlaces, recorreram aos clássicos, preservaram algumas características ou apresentaram outras totalmente novas. A frase final “e foram felizes para sempre...” não teve a mesma incidência nos textos.

O primeiro elemento a ser considerado na escrita dos alunos é, justamente, aquilo com que inicialmente nos deparamos: o título. Nos títulos, prevaleceu o uso de um objeto ou característica, nesse caso o Chapeuzinho, que veio acompanhado de alguma cor. A não atribuição de nome ao personagem, a sua não identificação e a referência a um objeto é relevante, porque facilita a identificação do leitor com o personagem. Um dos nossos autores, porém, rompe ao nomear uma vovó como Dilma, em seu conto.

A cor também é algo que não pode passar despercebido. Na narrativa tradicional, o vermelho é a cor do proibido, da sensualidade e também uma cor que chama a atenção. O vermelho reforça a lembrança da iniciação sexual da menina. Já em “Fita verde no cabelo”, o verde ao contrário do vermelho, indica o “sinal aberto”, a permissão para avançar. O verde também nos remete à maturidade, ao crescimento, o que é outra característica marcante na personagem do conto rosiano. Se optarmos por uma leitura política, o conto “Fita Verde no cabelo” foi escrito na época da ditadura militar no Brasil, o que nos faz pensar em esperança e até mesmo no verde do nacionalismo, tão enfatizado na época.

É importante destacar que, ao contrário da simbologia que carrega nos clássicos, a cor nos textos dos alunos parece ser apenas uma questão de identificação pessoal, pois utilizaram a que mais gostavam para atribuir o título. Talvez isso justifique o porquê de a maioria das meninas nomearem uma “Chapeuzinho Rosa” e os meninos preferirem um “Chapeuzinho Preto”.

Para início de conversa, em uma dessas histórias, há um Chapeuzinho Preto que, quando chega à casa da vovozinha, a casa é arrombada e ambos enfrentam o lobo, que responde querer apenas um pedaço de pizza. O próprio lobo é quem afirma que violência não leva a nada e avó e neto acabam travando amizade com ele. A autora faz questão de enfatizar que tal episódio fez surgir uma amizade. A jovem revela, por meio de seus escritos, um sentimento que encobria seu ser no momento da criação e que fica revelado em sua obra. É o que nos traz Bettelheim (1980, p. 14):

Percebi que esses contos, num sentido bem mais profundo do que outros tipos de leitura, começam onde a criança realmente se encontra no seu ser psicológico e emocional. Falam de suas pressões internas graves de um modo que ela inconscientemente compreende e – sem menosprezar as lutas interiores mais sérias que o crescimento pressupõe – oferecem

exemplos tanto de soluções temporárias quanto permanentes para dificuldades prementes.

Parece mesmo que os alunos gostaram de caracterizar um lobo faminto em seus contos ou talvez quisessem dizer que já se aproximava a hora do almoço e eles tinham fome no momento em que os escreviam.

Houve outra versão em que a personagem – Chapeuzinho Lilás – é abordada pelo lobo mau que a para na estrada. A menina hesita, tem medo. No entanto, ele apenas diz que tem fome. Então, ela lhe dá dois bolinhos e ele, educadamente, agradece e vai embora satisfeito. O lobo aqui é educado, dá um bom exemplo para as crianças.

De modo geral, podemos dizer que a caracterização do personagem central, nos contos dos alunos, oscilou proporcionalmente entre feminino e masculino, sem indícios de preferência por um ou outro. Os alunos deixaram um pouco de lado a imagem de cidadezinha, vilarejo ou floresta e começaram a investir em um cenário mais urbano, rua escura, beco, cidade. Como destaca Silva (2008, p.70), são os novos caminhos que nos levam aos contos de fadas.

Hoje, castelos e palácios cederam lugar a apartamentos, reis e rainhas persistem apenas nas cartas do baralho, os lobos estão em extinção, caçadas e caçadores deixaram de ser politicamente corretos, as moças não mais se enclausuram em casa, e pouquíssimas são as que ainda sabem fiar, tecer ou bordar. Contudo, as histórias de fadas ainda exercem seu poder de sedução junto a leitores de qualquer idade. Sob disfarces, elas podem ser reencontradas no cinema, na TV e na literatura.

Deparamos, então, com uma Chapeuzinho indo visitar a vovó em determinado bairro da cidade, logo após sair da escola, enquanto os pais trabalham. A caracterização de um espaço familiar ao autor é nítida: “Seu pai, certo dia, fez hambúrguer e *hot dog* e pediu para que sua filha Chapeuzinho Rosa pegasse uma cesta, colocasse alimentos, pegasse seu *skate* e levasse à sua avó, que mora no bairro Tabajaras, esquina com o Renê, e Chapeuzinho Rosa levou.”

Conhecemos nestes contos de fadas novos vilões. O lobo é facilmente substituído por um mendigo ou drogado, por exemplo. Prevalece a imagem do mau como feio em oposição ao bom, dado como belo. A contextualização da história se aproximou mais da realidade dos alunos. É o caso, por exemplo, do texto “Chapeuzinho Preto”. O personagem central masculino vai levar algumas coisas que seu pai, que estava no trabalho, havia esquecido. Para chegar até o local em que trabalha o pai, o menino atalha e, ao passar pela floresta, é abordado por um mendigo drogado, que começou a persegui-lo. Porém, o menino é esperto e chega primeiro ao trabalho do pai, conta a ele o ocorrido, e o pai vai atrás do mendigo e lhe dá uma surra para ele aprender a não perseguir mais crianças. Temos aqui a questão da moral da história, pois o pai dá uma lição no mendigo para aprender a não mexer com crianças. É nítida também a figura do pai como o herói, aquele que salva o filho. Não há interferência de poderes sobrenaturais alterando o rumo das ações. A inovação consiste em não convocar um ser superdotado, como fada, gênio, feiticeiro ou objetos mágicos com poderes sobrenaturais para salvá-lo. Essa função cabe ao próprio pai. Ao final, porém, o menino sentiu pena do mendigo. O fato de ter pena do vilão é elemento novo, visto

que, nos clássicos, a punição e o castigo da figura do mal são desejados e comemorados. O mal é punido para que a justiça seja realizada e para que a punição sirva como exemplo. Isso serve também para demarcar a nítida fronteira entre o bem e o mal. O personagem do bem se salva e tem motivos para comemorar. Como afirma Bettelheim (1980, p. 109), “a criança sente que tudo vai bem com o mundo, e que pode ficar segura nele, apenas se os maus são castigados no final”.

Somada a essa demarcação nítida de fronteiras entre o bem e o mal, há uma ampliação do castigo do mau e da recompensa do bem. Assim, o castigo, a morte e o sofrimento só poderiam acontecer com personagens do mal. Tentou-se severamente, ao longo dos anos, retirar qualquer resquício de sangue dessas histórias, privilegiando versões mais amenas. Sobre este assunto, pondera Marina Colasanti, em entrevista concedida em 2006:

Todos nós lembramos ainda o momento – em que os contos de fadas foram mandados para a tinturaria, a fim de limpá-los de qualquer mancha de sangue. O resultado foi que, ao limpar-se o sangue visível, drenou-se também o invisível, aquele que corre na veia das histórias, que lhes anima e lhes dá vida. E os belos contos de fadas ficaram pálidos, fracos, com um pé na UTI (COLASANTI, 2006 apud SILVA, 2008, p. 70).

Dessa forma, a morte não tem espaço nesses contos e sua ausência acaba por ajudar na formação do final feliz. No entanto, alguns alunos produziram textos com perspectiva semelhante à que eles leram em “Fita Verde”, exemplo do final não feliz. Uma das alunas diversifica já no título, “Chapeuzinho Fita Azul no Cabelo”, em que une o chapeuzinho e a fita. Talvez fosse mais um acessório, chapeuzinho com uma fita azul no cabelo. Nessa história, a menina, ao chegar à casa da avó, depara-se com ela passando mal e, ao perguntar se está tudo bem, a avó responde que faltam poucos minutos para ela partir para onde o avô da menina estava: no céu. As últimas palavras da senhora são um pedido para que a menina cuidasse bem de sua mãe.

Chapeuzinho: Está tudo bem, né?

Vovó: Não. Falta pouco para eu partir para onde vovô está, para o céu, minha netinha. Cuide bem de sua mãe, está bem?

Chapeuzinho: Sim, vovó.

A velhinha dá um suspiro final diante da menina, que vai correndo, assustada, ao encontro da mãe, como se quisesse fugir daquela realidade. A menina começou a chorar e nunca mais voltou para a floresta.

Os alunos também variaram o que a personagem iria levar na cesta. Os tradicionais bolinhos, bolo e doces foram substituídos por pizza, hambúrguer, cachorro quente e até chocolate, visivelmente lanches que agradam mais às crianças de hoje. Outras personagens levaram cesta básica completa ou mesmo remédios. Em “A Chapeuzinho Amarelo”, o lobo aborda Chapeuzinho na estrada e pergunta o que ela tem na cesta. Quando ela diz que tem arroz, feijão e macarrão para levar para a avó, o lobo fala que aquelas coisas ele não queria. Ela se irrita e o ofende dizendo que não daria as daria mesmo a ele, que sai xingando.

Ela lá ia indo, de repente encontrou o lobo. Ele perguntou:

- O que você tem na cesta?

- Ela disse: arroz, feijão, macarrão etc. É uma cesta básica para minha avó.
Ele pensou e disse:
Ah pode ir, não quero nada.
Ela responde:
- Também não ia te dar mesmo
E ele saiu xingando e ela foi embora.

Outro destaque foi “Chapeuzinho Rosa”, a menina que foi levar hambúrguer para a avó. “Chapeuzinho Rosa” tem esse nome porque sua avó lhe dera uma blusa com capuz rosa. A menina descreve que a avó mora perto da escola. Ela vai de *skate* levar a cesta para a avó, mas mesmo assim demora, porque para muitas vezes no sinaleiro. A menina mora só com o pai – profissional culinário –, já que sua mãe havia morrido. No caminho, alguns maníacos a convidam para fumar um “*brown*”. A menina se recusa e eles vão embora, mas quando ela chega à casa da vovozinha há muita confusão e vários policiais presentes. Assustada, ela quer saber o que aconteceu. O fato é que a vovó, que já anda meio esquecida, foi à panificadora e pegou alimento sem pagar. A neta pede que soltem a avó, paga a fiança aos policiais, que vão embora. Depois, discute com a avó, entrega a cesta e vai embora. O autor soube criar efeitos de humor: o pai, profissional culinário, manda hambúrguer para a avó comer; a menina, que anda de *skate* na floresta, mas tem que parar no sinaleiro; a avó que anda “caduca” e se esquece de pagar a conta na padaria.

Alguns, ainda, recorreram ao final em que há a formação de um casal. Em um dos contos, a menina chega à casa da avó após uma aventura e afirma ter muito medo do lobo. A senhora a adverte e diz que não precisa ter medo. Como a avó mostra-se muito feliz, Chapeuzinho pergunta qual a razão para tanta felicidade. A avó responde de se casará novamente – e com o lobo. A menina desmaia com a notícia. Ao acordar, diz que matou o lobo porque tinha medo dele. A avó começa a chorar e a bater na menina. Contudo, acaba perdoando-a e, como não queria ficar sozinha, resolve então se casar com o caçador e viver feliz para sempre. O aluno ainda desenhou um coração ao final da folha com a frase “final feliz”. O final feliz também pode ser observado em outras histórias em que a menina, por gostar tanto de visitar a avó, resolve ficar morando com ela ou passa a visitá-la todos os dias.

A maneira como o maravilhoso permeia a criação desses alunos também é marcante. Uma das alunas escreve uma história em que a vovó vê Chapeuzinho brigando com o lobo e acredita que tudo está, de fato, ocorrendo, mas Chapeuzinho conta a ela que se trata de um teatro e a vovó resolve participar também. Podemos, ainda, citar outra produção intitulada “O Boné Preto”. O radical personagem da história visita sua avó de moto, fazendo *motocross* e *ralli* pela floresta. Cremos ser revelado, ali, o desejo dessa criança em participar dessa aventura de moto pela floresta e esse desejo é realizado por meio de seu personagem. Como pontua Eduardo Brito (2008, p. 381), “a literatura me é um meio de chegar lá onde meu limite físico não consegue me levar”.

De volta ao conto “Boné Preto”, neste enredo o chapéu está fora de moda, por isso o personagem prefere o boné. Quando o menino chega ao seu destino, a avó estava brigando com o lobo, ele entra na briga e logo chega o caçador, que começa a brigar também. Então, chega a polícia, que, mediante tanta confusão, “botou todo mundo em cana”. O pequeno autor termina seu conto da seguinte forma: “e ninguém saiu até hoje...”. Ao contrário de outros contos terminados com um ponto final, esse dá uma idéia de continuidade, deixando o final a cargo do leitor, o

que nos remete a Mário Quintana (1985, p. 65), quando diz que “as reticências são como os três primeiros passos de um pensamento que continua, por conta própria, o seu caminho”.

Os alunos também inovaram na caracterização das personagens, como um “Chapeuzinho Preto”, que cai em uma armadilha preparada pelo lobo, machuca o calcanhar e tem de chegar à casa da avó mancando, ou uma vovó que luta karatê e é capaz de aplicar um golpe e jogar o lobo longe. Curiosamente, já existe também um caçador *gay* que se assusta com a situação e desmaia. O autor mirim, nesse conto, trabalha com o estereótipo que a sociedade assume de que o indivíduo *gay* é frágil e se assusta facilmente. Tal estereótipo é utilizado sob o pretexto de trazer humor à história.

Houve, ainda, uma produção em que Chapeuzinho encontra pelo caminho uma senhora. Em um primeiro momento, esse enredamento nos remete à bruxa disfarçada de velhinha que “Branca de Neve” encontra pelo caminho e que lhe oferece a maçã envenenada. Porém, nesta história, a velhinha, que aborda a menina pelo bosque e pede as coisas que ela leva na cesta para a sua avó, pede, porque tem fome e está doente. A menina percebe que a senhora lembrava muito as condições de sua avó e tem pena. Então, lhe dá comida e chama a polícia, que a leva para um orfanato (cremos que o autor quisesse se referir a um abrigo). Chegando à casa da vovó, a menina come a sopa feita por ela, já que o tempo estava frio e que todo dia ia visitar a avó para verificar se ela estava bem de saúde.

De modo geral, podemos dizer que nos surpreendemos com os textos dos alunos. Não que a expectativa fosse outra, mas eles sempre conseguem nos mostrar que são capazes de ir além do que imaginamos. Ficamos satisfeitas em ler as produções e perceber que eles chegaram ao objetivo proposto, sendo capazes de, a partir das leituras feitas em sala de aula e de outras leituras ao longo de suas vidas, mudar a escrita dos contos de fadas e dar-lhes nova roupagem. Escreveram contos de fadas em um estilo moderno, deixando livre sua imaginação. Esperamos que eles tenham chegado a uma nova dimensão do ler e fazer texto literário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este ensaio se propôs a resumir as oficinas realizadas por meio de um projeto de extensão, organizado como parte da disciplina Prática de Ensino de Literatura. Vale ressaltar que, antes de darmos início às oficinas, foram realizados encontros para preparação teórica dos professores em formação e planejamento do projeto.

Podemos considerar que as discussões teóricas foram muito produtivas, pois forneceram uma base sólida e coerente para nossa formação de futuros professores. Os textos trabalhados proporcionaram-nos uma boa reflexão. São obras às quais recorreremos sempre que necessário, pois, como afirma Paulo Freire (1996), todo professor é, necessariamente, um pesquisador, visto que não existe ensino sem pesquisa. Ser pesquisador não é uma função extra ao trabalho do professor, mas é condição do ser professor. Todo docente é, condicionalmente, pesquisador, embora o inverso não seja verdadeiro.

Fala-se hoje, com insistência, no professor pesquisador. No meu entender o que há de pesquisador no professor não é uma qualidade ou uma forma

de ser ou de atuar que se acrescente à de ensinar. Faz parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa. O de que se precisa é que, em sua formação permanente, o professor se perceba e se assuma, porque professor, como pesquisador (FREIRE, 1996, p. 29).

Assim, como professores em formação, cremos ser importante atentar-nos aos questionamentos que surgirão ao longo de nossa prática, pois concordamos que “como professor devo saber que sem a curiosidade que me move, que me insere na busca, não aprendo nem ensino” (FREIRE, 1995, p. 85).

E, de fato, depois de adentrar à sala de aula, constatamos que sempre há muito que se aprender e descobrir. Os alunos não são seres programáveis, cujo aprendizado nós podemos controlar, bem como ao que dizem e a seus comportamentos. A sala de aula é, acima de tudo, um lugar de encontros, de alunos diferentes, de professores multifacetados – e, também, cientes de suas limitações –, encontro de culturas e de assuntos diversos.

Uma aula pode ser repetida inúmeras vezes na mesma sala e, ainda assim, nunca será a mesma. Isso é próprio da literatura, uma leitura nunca é igual à outra, é sempre algo novo. A sala de aula desperta a vontade e o interesse em ser professor pesquisador, devido ao fato de se aliar a uma sede de conhecimento e a uma prática reflexiva que busca ser cada vez mais aprimorada.

Partindo da premissa de que a literatura é um direito de todo ser humano, é um bem imensurável, trabalhar com literatura exige um compromisso e um envolvimento muito sério. Trabalha-se com um direito universal do ser humano, e esse direito deve ser respeitado. Mas sobre a ótica de que é um direito e, ao mesmo tempo, um dever, temos ainda mais ressaltada a árdua missão de professores: como lidar com algo que é um direito e que se caracteriza como um dever, e um dever que se caracteriza com direito? Conforme Antonio Candido (1995), a literatura é um bem incompressível, ou seja, a fruição da literatura é fundamental ao ser humano.

Ao realizarmos o projeto de extensão descrito neste ensaio, tivemos a chance de constatar que os filmes, seriados e desenhos são uma excelente ferramenta de trabalho para despertar, nos jovens alunos de ensino fundamental, o interesse pelos textos literários, além de mostrar para os professores-alunos outras possibilidades de trabalhar a leitura, fugindo, um pouco, do tradicional e, muitas vezes, da exclusiva leitura do livro didático. Com a análise dos dados obtidos e as reflexões que fizemos sobre as produções feitas pelos alunos, fomos remetidas a perceber que o lidar os contos de fadas é mexer com a criatividade dos alunos e sua curiosidade diante da leitura.

Afirmamos que a preparação e a organização das oficinas foi uma experiência positiva. Voltar às escolas e ver como anda o ensino na cidade, ter contato com outros professores, ensinar a alunos tão diversos, tudo isso é significativo. Podemos dizer que foi, de fato, proveitoso. O primeiro contato, com a função de ensinar, sendo bem acompanhado por alguém experiente, pode servir como elemento motivador também, pois transmite segurança aos futuros professores.

Podemos, ainda, dizer que foi uma sensação boa perceber que boa parte dos objetivos propostos para este projeto foi alcançada, devido à participação dos alunos e à facilidade com que desenvolveram suas produções. Ficamos contentes e surpreendidas com os bons textos que

produziram. É uma sensação positiva se surpreender com os alunos, o que ocorre quando eles mostram que são escritores em potencial. Isso nos faz pensar em Gabriel Chalita (2008, p. 138) quando diz que o professor jamais pode desistir de suas sementes, pois: “*Ser professor é semear em terreno sempre fértil e se encantar com a colheita*”. Nós conseguimos nos encantar com a colheita. Ousamos afirmar que os alunos apreenderam o conteúdo que planejamos, e, quando o professor percebe que seu aluno aprendeu, essa é a maior recompensa que ele pode ter enquanto educador.

O nosso final feliz não veio de poderes mágicos como nos contos de fadas, veio do retorno por parte dos alunos. Acima de tudo, fica a certeza de nossa principal missão: formar leitores. O gosto pela leitura é algo que não pode ser ensinado, mas pode e deve ser encorajado.

Pensando ainda na proposta de extensão em que se baseou tal projeto e levando-se em consideração que as oficinas foram ministradas por professores em formação, alunos estagiários do curso de Letras, ressaltamos a importância de iniciativas que possibilitem aos futuros profissionais (e no estudo em questão, futuros professores) o contato com projetos extensionistas como parte fundamental em sua formação não só acadêmica, mas também em sua formação como cidadão ciente de suas responsabilidades sociais, enquanto professor de literatura. Assim,

[...] tem-se hoje como princípio que, para a formação do profissional cidadão, é imprescindível sua efetiva interação com a sociedade, seja para se situar historicamente, para se identificar culturalmente e/ou para referenciar sua formação técnica com os problemas que um dia terá que enfrentar (NOGUEIRA, 2000, p. 120).

Reafirmando a necessidade de conscientização para a criação de mais projetos de extensão universitária e defendendo a relevância de mais projetos como este na formação de professores, ressaltamos ainda nossa concordância com Silva (2011, p. 204) ao afirmar que:

Portanto, o estudante exposto à realidade por meio de atividades de extensão não se forma, no sentido convencional, mas se transforma em cidadão pleno, favorecido pela vivência universitária que lhe propicia uma profissão, e comprometimento com a contínua construção da sociedade em que está inserido.

Por fim, ao traçarmos, por meio deste artigo, a constituição e realização deste projeto de extensão, esperamos contribuir com pesquisas e projetos futuros que conciliem extensão e ensino de literatura. Esperamos, ainda, que a experiência acima descrita possa encorajar graduandos do curso de Letras a fomentarem novos projetos nesse sentido, uma vez que podem trazer contribuições significativas ao ensino de literatura.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, F. P.; CASIMIRO; L. C. S. R. A importância dos projetos de extensão universitária na formação de cidadãos leitores. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, CIÊNCIA E GESTÃO DA INFORMAÇÃO, 32.

- 2009, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, 2009, p.1-13.
- BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Plano Nacional de Extensão Universitária**. Brasil 2000-2001. Fórum de Pró-reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras e SESu/MEC, 2002.
- BRITO, E. M. de. Reflexões sobre a literatura e os direitos humanos. In: BITTAR, E. C. B. (Org.). **Educação e metodologia para os direitos humanos**. São Paulo: Quatier Lantin, 2008.
- CANDIDO, A. A literatura e a formação do homem. **Ciência e Cultura**, v. 24, n. 9, p. 803-809, set. 1972.
- CHALITA, Gabriel. **Pedagogia da amizade**. São Paulo: Gente, 2008.
- FELIZARDO JR. L.C. Um olhar avaliativo sobre o processo de formação/capacitação de educadores/agentes sociais. In: SANTOS, G. L. dos; FELIZARDO JUNIOR, L.C.; UDE, W. (Orgs.). **Escola, violência e redes sociais**. Belo Horizonte: FAE/UFMG, 2009.
- FREIRE, P. Importância do ato de ler. In: ABREU, M. (Org.). **Leituras no Brasil**. Campinas: Mercado de Letras, 1995.
- _____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente**. 33. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- _____. **Extensão ou comunicação**. 13. ed. Paz e Terra, 2006.
- LARROSA, J. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. Tradução de Alfredo Veiga Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- LOBATO, J. B. M. **Reinações de Narizinho**. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- NOGUEIRA, M. D. P. (Org.). **Extensão universitária: diretrizes conceituais e políticas**. Belo Horizonte: Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas/ UFMG, 2000.
- PERROTTI, E. **O texto sedutor na literatura infantil**. São Paulo: Ícone, 1986.
- QUINTANA, M. **Jornal Globo**. Caderno H. Porto Alegre, 1983, p. 65.
- SECRETARIA DO ESTADO DA EDUCAÇÃO DE MINAS GERAIS, 2009. Disponível em: <http://crv.educacao.mg.gov.br/sistema_crv/banco_objetos_crv/%7B681EFB2D-E115-40D3-A32D-C686E72919AB%7D_CARTILHA%20TEMPO%20INTEGRAL%202009.pdf>. Acesso em: 2 maio 2011.
- SILVA, O. D. O que é extensão universitária? **Integração ensino-pesquisa-extensão**, São Paulo, v. 3, n. 9, p. 148-149, maio 1997.
- SILVA, R. N. Importância, desafios e perspectivas da extensão universitária. **Em Extensão**, Uberlândia, v.10, n. 2, p. 204-206, jul./dez. 2011.

SILVA, V. M. T. **Literatura infantil brasileira**: um guia para professores e promotoers de leitura. Goiânia: Cãnone Editorial, 2008.

VASQUEZ, A. S. **Filosofia da práxis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

Submetido em 1º de agosto de 2011.

Aprovado em 5 de novembro de 2011.